

## PROFESSOR: UMA IMAGEM EM (DES)CONSTRUÇÃO

Hilda Rodrigues da Costa  
UFG – IMAGO  
Comunicação  
Cultura e Processos Educacionais.

O presente artigo tem como objetivo, ainda que de maneira sucinta, refletir acerca dos discursos veiculados na mídia sobre a imagem do professor, considerando seus efeitos práticos e as políticas de verdade que corroboram na configuração do sujeito através das múltiplas vozes, produzindo condições necessárias a fabricação e a subjetivação do professor. Neste sentido, utilizaremos o pensamento de Michel Foucault, dentre outros autores, e como suporte midiático para nossa análise a revista Nova Escola.

Palavras-chave: Foucault, Saber e Poder, Professor, Nova Escola

This article aims to, but in a brief, reflect on the speeches delivered in the media on the image of the teacher, considering its practical purposes and policies of truth that supports the configuration of the subject through multiple voices, producing conditions for the manufacture and subjectivity of the teacher. In this sense, use the ideas of Michel Foucault, among other authors, and media support for our analysis the magazine New School.

Key-words: Foucault, Knowledge and Power, Teacher, New School

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistemas dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje.

Michel Foucault

Na busca pela visibilidade de como é constituída a imagem do professor pela mídia, nos embasaremos nos conceitos formulados por Foucault como formação discursiva, enunciado, poder e saber, poder disciplinar, micropoderes, dentre outros no decorrer deste artigo.

Michel Foucault (2007) tem como princípio estudar as condições de produção do discurso, pelo método arqueológico, analisando as redes que envolvem discursos, saberes, acontecimentos, práticas discursivas, dentre outros domínios. Este método arqueológico, como a arqueologia tradicional, envolve a escavação, a restauração e a exposição, não de achados históricos, mas de discursos, tendo como objetivo avistar a positividade do saber em um determinado momento histórico. Segundo Gregolin (2004, p.91), “toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva comunica-se pela forma de positividade de seus discursos, pois ela desenvolve um campo em que podem ser estabelecidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos”. Esta positividade é que irá desempenhar o papel, o qual Foucault (2007) denomina, de *a priori histórico* - o

conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva em certo espaço e tempo - observando as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros enunciados, a sua forma específica de serem, seus princípios segundo os quais se mantém se transformam e deixam de existir. E, é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que Foucault (2007) irá observar como ocorre às mudanças nos saberes e sua conseqüente articulação com os poderes.

Tanto o poder quanto os saberes estão diretamente associados um ao outro, pois não existe relação de poder sem a constituição de um campo de conhecimento, nem mesmo um conhecimento que não pressuponha e venha a constituir ao mesmo tempo relações de poder. Conhecimento e relações de poder estão imbricados entre si, constituindo práticas discursivas, ou melhor, dizendo o discurso.

Segundo Foucault (2007), as relações discursivas emergentes de um determinado contexto, de uma determinada época é que produzirão o acontecimento em determinado momento da história, através das formações discursivas que as antecederam e que em dado momento irão precedê-las.

Foucault (2007, p.49) afirma que

Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar.

Este conjunto de relações que são estabelecidas através de uma formação discursiva é que irá definir o objeto do discurso. Entretanto, devemos entender que não são os objetos, nem o domínio que formam nem seu modo de caracterização ou seu ponto de emergência que permanecem constantes. Mas o estabelecimento de relações entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitadas, analisadas e especificadas. São essas relações, ou melhor, os discursos que são formados a partir delas que é preciso fazer aparecer, que é preciso descrever.

Ao descrevermos um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática estaremos delineando um sistema de regras, o qual teve que ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse sem deixar de pertencer a esse mesmo discurso, descrevendo assim, as regras que propiciaram a constituição de determinado enunciado, e não outro em seu lugar.

O enunciado por mais comum, por mais insignificante que seja segundo Foucault (2007, p.31) “é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”. Tal acontecimento é único como todo acontecimento, entretanto, não se fecha em si, ele está aberto à repetição, à transformação, à reativação. Ele se liga não apenas a situações que venham a provocá-lo, e nem a conseqüências por ele ocasionadas, mas a enunciados que o precedem e o seguem. Possibilitando o aparecimento de certos enunciados e não outros na constituição do saber de uma época, por meio das práticas discursivas que irão compor o discurso de uma época, traduzindo em sua ocorrência a noção de poder.

O poder não é da ordem da anuência, da manifestação de um consenso, mas o modo de ação de uns sobre os outros. Pois, segundo Foucault (2006, p. 231) “as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família. Na sociedade, há milhares e

milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas”. Sendo o indivíduo uma produção do poder, que na concepção foucaultiana é formador de uma verdade sobre o sujeito.

E é através da produção da verdade sobre o sujeito é que podemos exercer o poder, institucionalizando assim a busca pela verdade, primeiramente pelo poder da soberania, depois pelo poder disciplinar nas sociedades modernas. Este mecanismo polimorfo das disciplinas tem o seu discurso. Estas disciplinas para Foucault (1979, p. 189), “são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento”, veiculando um discurso que será o da regra, quer dizer, da norma.

Rago (2006, p. 47) afirma que “o sujeito já é sempre pensado por Foucault como o produto de uma multiplicidade de relações horizontais de saber-poder que o caracterizam como sujeito assujeitado e disciplinado”. Os micropoderes disciplinares investem e exercem sobre o corpo, transpõem o corpo. Pois, a relação de poder, a disciplina, na visão de Foucault, é uma forma de organização do espaço, divisão e controle do tempo, visando a produção de um corpo social, gerindo e administrando a vida humana. Assim, o sujeito só pode ser pensado na medida em que pode ser situado num complexo de lugares e relações pontuais, quer dizer, institucionalizadas.

### **A escola e o profissional de educação**

A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais perante a sociedade quanto aos direitos e deveres instituídos por esta mesma sociedade. Tal afirmação nos leva ao conceito de que quanto mais iguais, em termos ideológicos, mais fácil será conduzir a sociedade. Esta homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, que analisam, estudam, pesquisam, investigam e vigiam o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. A imagem do professor, por exemplo, via de regra, está associada a redutores, dóceis, amáveis, ao mesmo tempo exigentes quando o objetivo principal é o progresso do aluno. Tal imagem nos leva a crer que a profissão de professor é algo divino, vocacional, legitimada por “regimes de verdade”. Assim como a escola tem esse poder de dominação, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-ser.

Os profissionais em educação são a todo momento seduzidos e intimados por discursos que afirmam, e reafirmam como eles devem ser e agir para que sejam perfeitos em seu ofício. Assim, diferentes formas de subjetivação contribuem para essas definições, ao mesmo tempo em que lutam pela imposição de significados acerca de quem, estes profissionais, devem ser em determinadas circunstâncias e como devem agir perante os desafios da cultura e do mundo contemporâneo.

Esses discursos são dependentes de seus predecessores e não há qualquer possibilidade de interpretação de um discurso separado da história, o que indica que nenhum discurso pode significar uma ruptura completa com os discursos que o precederam.

Segundo Foucault (2000), as relações discursivas emergentes de um determinado contexto, de uma determinada época é que produzirão o acontecimento em determinado momento da história, através das formações discursivas que as antecederam e que em dado momento irão precedê-las. Formações discursivas estas que estabeleceram uma ordem do discurso rígida e amplamente controlada, ainda que de forma sutil, instituindo e constituindo a identidade docente sob a forma de doses homeopáticas de sugestões, estímulos, produzindo certos efeitos sobre a boa forma e o

bem falar.

Assim, tratar da identidade do professor é ao mesmo tempo estar atento às políticas de representação que instituem os discursos veiculados por determinados grupos, considerando os efeitos práticos e as políticas de verdade que constituem os discursos veiculados pela mídia impressa, televisiva, cinematográfica, bem como a rede “internet” que “ajudam” na configuração da identidade deste profissional em educação, produzindo assim, uma ética e uma relação com eles mesmos, constituindo a experiência que podem ter de si próprios.

A relação dos professores com o conhecimento tem sido uma questão amplamente debatida em diferentes fóruns e instâncias como nas escolas, na mídia, na academia. E tem levado em conta diferentes aspectos como: a formação que esse profissional recebe ou deixa de receber; as informações às quais tem ou não acesso; o conhecimento que ele constrói ao longo de sua vida profissional; o que ele deve ou não ensinar; o que sabe ensinar; para quem ensina etc.

E é por intermédio da mídia que estas discussões acabam por contribuir tanto na formação de professores quanto na formação de opiniões sobre o que é ser professor. Desse modo, as formas de atuação dos professores, bem como as opiniões que vão sendo trabalhadas nessas variadas instâncias, vão compondo e constituindo as múltiplas imagens da função social desse profissional da educação.

Segundo Piovezani Filho (2003, p.147-148):

A produção e a cristalização dessas representações do corpo e da língua têm se tornado cada vez mais intensas e eficientes, graças à força da mídia, que, pelo fato de consistir atualmente numa das mais fundamentais instâncias de constituição de representações imaginárias, objetiva e naturaliza o mundo, constrói e propaga uma série de “verdades”. Coextensivas do encolhimento/enfraquecimento da política e da pedagogia *stricto sensu*, dão-se a politização e a pedagogização da mídia: uma vez que a sociedade do controle se caracteriza pela abertura e continuidade das instituições, observa-se o aumento da atuação midiática que, para além da transmissão de informação e do entretenimento, pretende supostamente exercer papéis políticos e pedagógicos. E se a *formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame* (DELEUZE, 2000, p.221), a mídia brasileira tem aspirado a preencher os vazios deixados pela derrocada do ensino tradicional; em suma, a esfera midiática cumpre (ou pretende cumprir) a função da escola sem, entretanto, abdicar de procedimentos congêneres daqueles utilizados pelos aparelhos escolares.

O fato de a mídia brasileira desenvolver um trabalho de controle sobre as práticas languageiras e corporais, por meio das quais os indivíduos tomam-se como sujeitos, construindo normas do bem viver e do bem falar no interior de instâncias reguladas pelo poder disciplinar, não implica a homogeneização rígida do corpo e da língua. Mas, a criação de uma necessidade de se ter um corpo belo e o uso correto da língua, a qual é veiculada pela mídia, edificando assim uma série de práticas de subjetivação.

Uma das questões que emerge nessas discussões é a de como ele, o professor, desempenha essa função, que subsídios sustentam sua prática? De quais recursos ele lança mão para a realização de sua atividade profissional, hoje? Como ele lida com a demanda de atualização constante do conhecimento oferecido pelas diretorias e secretarias da educação?

Além dos diversos programas e planos oficiais, os manuais e materiais de leitura disponíveis ou acessíveis nas bibliotecas das escolas, o professor ainda conta

com outro recurso: as revistas especializadas em “educação” que são disponibilizadas através de assinatura (e que também são disponibilizadas para as escolas municipais e estaduais através de convênios com o governo federal), ou disponíveis em bancas de jornal, e até mesmo através da internet.

A partir das indagações anteriores sobre a prática do professor e o tipo de produção cultural e, com o conhecimento nele veiculado, os quais contribuem para a constituição da identidade profissional do docente, é que buscaremos demonstrar através de uma análise do conteúdo veiculado pela revista Nova Escola, refletindo sobre como o conjunto das representações são colocados em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir do professor no exercício de suas funções nas instituições educacionais brasileiras.

### **Professor: uma imagem em (des)construção**

Na sociedade contemporânea em que vivemos a mídia tornou-se um poderoso dispositivo de produção de identidades, as quais são materializadas por enunciados que emergem a partir de acontecimentos, os quais determinam as condições de existência da sociedade contemporânea.

Segundo Araujo (2004, p. 220) os enunciados

São produzidos por um dizer ou uma escrita registrados de alguma forma, portanto, com uma materialidade específica, de tal modo que, apesar de únicos, podem ser repetidos, transformados, reativados. O que permite ligações com acontecimentos de outra ordem, quais sejam, fatores técnicos, econômicos, sociais, políticos.

Os enunciados não se reportam a um único objeto, pronto de uma vez para sempre numa suposta realidade, em si, pronta, acabada.

A partir da materialidade de certos enunciados e não outros em seu lugar, em uma determinada época, teremos o discurso como uma prática capaz de produzir efeitos que venham a respaldar ou reproduzir saberes e poderes. Entretanto, não podemos deixar de admitir que tanto o poder quanto o conhecimento estão diretamente associados um ao outro, em uma perspectiva foucaultiana como falamos anteriormente, pois não existe relação de poder sem a constituição de um campo de conhecimento, nem mesmo um conhecimento que não pressuponha e venha a constituir ao mesmo tempo relações de poder. Tanto conhecimento quanto relações de poder estão imbricados entre si, constituindo práticas discursivas, ou melhor, o discurso. Mas não um discurso concluído, encerrado, limitado, uma vez que as condições de produção são diferentes, em diferentes épocas, buscando a interação entre as práticas institucionais e as estruturas do saber de cada época.

Foucault (2007, p.49) afirma que

[...] Essa formação é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar.

Este conjunto de relações que são estabelecidas através de uma formação discursiva é que irá definir o objeto do discurso. Entretanto, devemos entender que não

são os objetos, nem o domínio que formam, nem seu modo de caracterização ou seu ponto de emergência que permanecem constantes. Mas, o estabelecimento de relações entre as superfícies em que podem aparecer, em que podem ser delimitadas, analisadas e especificadas. São essas relações, ou melhor, os discursos que são formados a partir delas que é preciso fazer aparecer, que é preciso descrever.

Com o intuito de descrever como estes discursos são formados pela mídia, tomaremos como suporte para nossa análise a revista Nova Escola como um dispositivo de constituição de identidades, através de estruturas e acontecimentos que emergem da revista ao apresentar experiências, depoimentos, condutas, modos de ser e agir em sala de aula, fazendo com que o leitor/professor se identifique com a “realidade”, ou melhor, dizendo com os “regimes de verdades” institucionalizados pela mídia. Pois, segundo Milanez (2004, p. 185), é “Por meio da relação do leitor com um outro, ele vive a experiência da contemporaneidade, inscrevendo-se num campo de saberes e códigos preestabelecidos que o atravessam e constituem sua percepção da ‘realidade’.” Podemos perceber que algumas práticas, difundidas/propagadas na e pela revista, são como dispositivos que fazem com que o(s) indivíduo(s) voltem a atenção a si próprios, buscando seu reconhecimento como sujeito de desejo, ao tentar estabelecer uma relação de si para si a verdade de seu ser.

Para tanto, necessitamos interrogar as múltiplas relações, estratégia e práticas que articulam os exercícios dos poderes que emergem dos discursos veiculados pela revista Nova Escola, constituindo o sujeito por meio da mídia impressa. Assim, poderemos compreender os jogos de verdade, institucionalizados pelo poder, por meio dos quais o homem se constitui historicamente através de sua experiência.

Nesta busca por uma identidade, pela imagem de um profissional de educação “modelo”, vários questionamentos são feitos como: que leituras se tornam viáveis no cotidiano da prática profissional dos professores? Que condições de leitura os professores, em geral tem? Que materiais lhes são mais acessíveis e atendem a suas expectativas, desejos, necessidades? O que os motiva na busca desses materiais? O que eles encontram em resposta às suas buscas? Tentando responder a estas indagações que imperam o meio profissional é que a mídia impõe através de reportagens, opiniões, argumentos e conselhos, seus “regimes de verdade” como um processo de aquisição do conhecimento por parte do leitor.

Analisaremos os efeitos da mídia na fabricação da imagem professor, como objeto de análise apresentamos aqui a capa da revista Nova Escola (edição nº 213, junho/julho de 2008) intitulada “O que e como ensinar”, que trata da formação do professor do ensino fundamental. Os enunciados que precedem o tema principal da revista justificam a ênfase do mesmo, reconhecendo a necessidade de se fornecer ao leitor/professor uma formação continuada para que possa desenvolver suas atividades em sala de aula da melhor forma, além da cristalização de seu conhecimento através da experiência de si. Veja a disposição dos enunciados:

### **O que e como ensinar**

Para garantir o aprendizado em todas as disciplinas, é preciso conhecer os conteúdos essenciais e como lecionar cada um. Veja aqui 30 atividades e oito planos de aula que todo professor do 1º ao 5º ano tem de saber. Pág. 42.

Os enunciados anteriores remetem ao estabelecimento de regras para o bom desempenho do professor, apresentando reportagens convenientes aos modelos que devem ser seguidos pelo profissional em educação para obtenção do sucesso em sala de

aula. Nessa ordem do discurso podemos observar que tais enunciados são objetos de uma prática, na forma em que foram organizados para chamarem a atenção do leitor, despertando-o ao questionamento de sua identidade enquanto educador.

As matérias veiculadas pela revista têm como suporte relatos de experiências de docentes que superaram as dificuldades em nome do ofício de ser professor, apresentando ao leitor/professor um modo de conduzir a sua prática pedagógica de maneira eficiente. O que se confirma na página 42, por meio um outro título, reafirmando o tema principal exposto na capa da revista. Veja:

#### **A chave do ensino**

Didáticas específicas de cada disciplina tornam mais claro o que e como ensinar. NOVA ESCOLA reuniu o melhor dos estudos recentes em 30 atividades essenciais para quem leciona do 1º ao 5º ano.

AMANDA POLATO, BEATRIZ SANTOMAURO E RODRIGO RATIER

Revista Nova Escola (edição nº 213, junho/julho de 2008, p. 42)

Podemos observar no excerto acima uma das características da revista quanto aos profissionais que assinam as reportagens, como mencionamos anteriormente são jornalistas e não profissionais da educação. Mesmo em entrevista o discurso predominante é o jornalístico, devido a disposição da matéria, o foco narrativo. Este mecanismo das tecnologias disciplinares pode ser traduzido como uma forma de apropriação daquilo que o indivíduo produz, dos seus saberes, incidindo sobre a constituição do sujeito, sem o uso da força, mas possibilitando meios sutis e dóceis de controle, estimulando sua ação. O que de certa forma parece ter uma aceitação por parte do professorado de que algum segmento da sociedade pode lhe dizer como fazer o seu trabalho.

É como a relação entre o médico e o paciente, ao termino da consulta o médico receita o medicamento para o mal que assombra o paciente, este sai esperançoso de que em pouco tempo estará curado de tal enfermidade, graças ao doutor. Ao prescrever formulas, ou melhor, receitas de eficiência no desenvolvimento do trabalho, a revista sug regras de conduta em sala de aula com relação à profissão de professor através da validação de enunciados, legitimando-os em meio à construção de sua identidade, proporcionando a emergência da subjetividade.

Benveniste (1989, p. 286) afirma que

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”.

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo), mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. Ora, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo *status* lingüístico da “pessoa”.

Esta consciência de si faz com que o sujeito através dos processos de subjetivação se constitua como objeto dócil e útil e, ao mesmo tempo como sujeito, explicitando assim, por completo a identidade do indivíduo moderno.

Logo, pondo em prática o exercício do poder disciplinar, partindo do domínio da ordem que se deseja estabelecer, no caso da revista Nova Escola, indivíduos preparados para o exercício de uma educação de qualidade. Onde a palavra de ordem é o pleno desenvolvimento do país, e para que tal êxito seja alcançado basta a iniciativa por parte do profissional de educação e algumas idéias ditas como inovadoras, as quais devem ser adotadas no trabalho docente.

Daí, a revista apresentar modelos, comportamentos, modos de ensinar, planos de aula, projetos etc. E é exatamente através da divulgação destes modelos de educação que a Nova Escola faz sua argumentação sobre o trabalho docente, vencendo barreiras sociais, fortalecendo o discurso de que o professor é aquele que vence dificuldades dentro da concepção de uma educação de qualidade. Dessa forma, a revista faz suas inferências sobre educação e o ofício de ser educador, cristalizando o que Foucault denominou de “regime de verdade”. Pois cada sociedade tem seu regime de verdade, onde os discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros se distinguem dos tidos como falsos. Como exemplificação apresentamos aqui um fragmento que constitui parte da reportagem principal da revista Nova Escola nº 213, 2008, p. 42:

Esta reportagem trata de um tema que está transformando a Educação. Uma inovação silenciosa, mas de alcance duradouro, que pode beneficiar muito seu trabalho: estudos que se debruçam sobre a arte de ensinar, investigando a maneiras eficazes de ajudar a garotada a compreender os conteúdos. São investigações de conceitos e teorias de arte, Ciência, Educação Física, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática. Chamadas de didáticas específicas enfocam as dificuldades próprias de cada área – afinal, quem disse que o jeito de explicar frações serve também para levar a meninada a ler?

Essas pesquisas se baseiam no dia-a-dia da sala de aula. [...] As perguntas que nascem da prática vão muito além do “como ensinar?”. O que a turma já sabe sobre o tema a ser tratado? Quais os efeitos esperados de minha atuação? E o principal: o que ensinar – e como as crianças vão aprender esse conteúdo?

[...]

Como forma de contribuir para o avanço da atividade docente, Nova Escola coletou práticas de ensino e aprendizagem indispensáveis do 1º ao 5º ano. São situações didáticas essenciais que conjugam conteúdos e formas de ensino que levam as crianças a construir os esquemas de conhecimento necessários para a compreensão (*leia no quadro na página ao lado a relação completa*)

A reportagem tem como foco a transformação da educação, pois, o professor é quem deverá modalizar sua prática com o intuito de vencer as dificuldades de sua área e, principalmente da educação brasileira, contribuindo de forma positiva para o progresso e desenvolvimento do país. A função aqui da revista é afirmar através das reportagens que é possível mudar. Esse discurso emerge em determinado momento, porque são possibilitados pelas práticas sociais vivenciadas pelo indivíduo. Entretanto, a construção da imagem deste indivíduo não é pacífica, pronta ou acabada, por surgir em meio a ela a chamada “crise de identidade”, onde poder e saber coexistem, gerando uma série de conflitos que revelam uma luta pela identidade.

Podemos observar que as reportagens estão imbricadas na forma de questionamentos sobre a conduta do profissional de educação, controlando de forma sutil e dócil o comportamento, a prática do professor em sala de aula. Desse modo, podemos constatar que a imagem do professor sempre foi estilizada, difundida e legitimada através da prática social, tendo como meio de difusão a mídia.



## Referências bibliográficas

- ARAÚJO, I. L. *Do signo ao discurso: Introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1989.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica* (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Trad. Vera Porto Carrero - Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1995.
- FONSECA, M. A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 10 ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 6 ed. trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. - Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. 2 ed. Org. Manoel Barros da Motta; trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2006.
- GREGOLIN, M. R. Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos. - São Carlos: Claraluz, 2004.
- MILANEZ, N. A disciplina dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. - São Carlos: Claraluz, 2004, 183-200.
- NOVA ESCOLA, revista mensal, edição nº 213, junho/julho de 2008.
- PIOVEZANI FILHO, C. Entre vozes, carnes e pedras: a língua, o corpo e a cidade na construção da subjetividade contemporânea. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. - São Carlos: Claraluz, 2004.
- \_\_\_\_\_. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, M. R. V. (org.) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 49-64.
- RAGO, M. Figuras de Foucault. (org.) RAGO, M.; VEIGA\_NETO, a. - Belo horizonte: Autêntica, 2006.
- SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. - São Carlos: Claraluz, 2004.